

**Lucas Nunes Caldeira**

**A Arte Na Intervenção Psicológica: Uma Revisão Integrativa da Literatura no Período de  
2010-2020**

**Uberlândia  
2022**

**Lucas Nunes Caldeira**

**A Arte Na Intervenção Psicológica: Uma Revisão Integrativa da Literatura no Período de  
2010-2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Eliane Regina Pereira

**Uberlândia  
2022**

## **Resumo**

A Estética constitui um campo do saber que sistematiza, categoriza e explica um modo humano de perceber a realidade através dos nossos sentidos. Dentro deste campo, entendemos que a arte tem grande potencial transformador nos sujeitos. Assim nos perguntamos qual a relação entre arte e psicologia e como ela tem sido utilizada nas intervenções/práticas psicológicas com fins de cuidado. Frente a isso, foi feita uma pesquisa a partir de uma pergunta norteadora em quatro bases de dados: Scielo, BVS/Pepsic, Lilacs e Redalyc. Seguindo os critérios de inclusão: artigos em Português, publicados no intervalo de 2010-2020. Foram encontrados 15 artigos que, mediante outro critério, julgamos que melhor responderiam à pergunta norteadora. A análise se deu em dois eixos: um eixo teórico e outro prático. Concluímos que a arte tem sido usada majoritariamente como instrumento em práticas grupais dentro de instituições para fins que a psicologia julga necessários à seu trabalho.

**Palavras-chave:** Psicologia; Arte; Revisão; Estética

## **Abstract**

Esthetics constitutes a field of study that systematizes, categorizes and explains a human way of perceiving reality through our senses. Inside this field, we understand that art has a great transformative potential in subjects. Thus we asked ourselves what is the relation between art and psychology and how it has been used in psychological interventions/practices with care purposes. Then we researched, starting from a guiding question, in four databases: Scielo, BVS/Pepsic, Lilacs and Redalyc. Following these inclusion criteria: articles in Portuguese, published between 2010-2020. We found 15 articles that, through another criterion, we judged as it would best fit to answer the guiding question. The analysis took place in two axes: a theoretical

axis and a practical one. We conclude that art has been used mostly as an instrument in group practices within institutions for purposes that psychology deems necessary for its work.

**Keywords:** Psychology; Art; Review; Esthetics

**Lucas Nunes Caldeira**

**A Arte Na Intervenção Psicológica: Uma Revisão Integrativa da Literatura no Período de  
2010-2020**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade  
Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título Bacharel em Psicologia.**

**Orientadora: Dra. Profa. Eliane Regina Pereira**

**Banca Examinadora**

**Uberlândia, 27 de abril, 2022**

---

**Dra. Profa. Eliane Regina Pereira**  
**Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG**

---

**Dra. Profa. Paula Cristina Medeiros Rezende**  
**Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG**

---

**Dr. Prof. Allan Henrique Gomes**  
**Universidade da Região de Joinville - Joinville, SC**

**Uberlândia**  
**2022**

## Introdução

Entendemos que a arte existe uma vez que um objeto é dotado de valores estéticos, fundamentalmente humana e capaz de mobilizar afetos e sentimentos. Sánchez-Vázquez (1999), a partir de um ponto de vista histórico-social, define a Estética como:

“[...] a ciência de um modo específico de apropriação da realidade, vinculado a outros modos de apropriação humana do mundo e com as condições históricas, sociais e culturais em que ocorre.” (p.47)

A partir deste autor, entendemos que a Estética abrange uma ciência que sistematiza e categoriza e explica um modo humano de apreender a realidade por meio dos nossos sentidos. Sánchez-Vázquez (1999) caracteriza o objeto estético como unidade de matéria, forma e significado, no qual a matéria e a forma são organizadas de uma determinada maneira – forma sensível – de modo que, surja um significado imanente do objeto, possibilitando uma relação estética, uma forma de se relacionar com a realidade que ultrapassa a prático-utilitária. Quando vemos um quadro ou ouvimos uma música, nossa atenção não se limita às pinceladas do quadro ou ao som de um instrumento, aquela imagem representada, a letra da música em conjunto do ritmo e da melodia conseguem despertar em nós desde a maior felicidade até a mais profunda angústia, ou seja, a relação que estabelecemos com um quadro ou música, vai além de uma função prático-utilitária e configura uma função estética através do surgimento do significado imanente que nos toca, nos desperta algo mais, diferente de como nós nos relacionamos cotidianamente com outros objetos, como por exemplo uma cadeira que, no dia-a-dia, possui apenas a função de se sentar.

A relação sujeito-objeto não se encontra num vácuo entre a história e a sociedade, o que significa que a arte tem sua própria história e esta história é determinada pelo tipo de sociedade

que existiu. A humanidade nem sempre produziu arte da maneira como nós produzimos hoje, a produção de arte que é feita para ser comprada, vendida e exposta em museus é algo característico da sociedade capitalista de hoje. Como Sánchez-Vázquez (1999) expõe, as pinturas rupestres não tiveram a mesma função que as obras dos artistas de hoje, atribuía-se à pintura a mesma função de um instrumento real de caça, a cena representada possuía uma função mágica que os auxiliaria em suas caçadas. Para aquela sociedade a pintura não tinha a função de ser contemplada, foi apenas com o desenvolvimento histórico da humanidade que levou que a pintura, e outros recursos artísticos no geral, fossem colocados como instrumentos para produção de objetos para contemplação, possibilitando que nós contemplemos as pinturas rupestres apreendendo os significados que existiram daquela sociedade.

No patamar de desenvolvimento que temos hoje, até mesmo o exemplo citado acima, a cadeira, pode exercer uma função para além da qual ela foi criada, desde que organizado de uma determinada maneira, resgatando a definição de objeto estético para o autor. Desta forma, uma cadeira pode ser utilizada em um museu ou fazer parte de uma intervenção artística fora dele já que o que está em jogo não é o objeto em si e a função que ele foi produzido, mas a forma em que este objeto está organizado e, uma vez colocada as condições históricas e sociais, os sujeitos estejam aptos para perceber o significado que está contido na obra.

O exercício de contemplação, portanto, exige uma percepção que consegue ir além de uma percepção automática, comum do cotidiano, repleta de significados já dados, à esta percepção particular é dado o nome de percepção estética. Sánchez-Vázquez (1999) especifica a percepção estética caracterizando-a: acontece como parte da situação estética singular composta por um sujeito e um objeto na qual o sujeito, em que o objeto se faz presente de forma imediata através de seus sentidos; ao mesmo tempo que acontece pela forma sensível do objeto, não se

detém somente a ela. A percepção estética é complexa, uma vez que traz em si ideias, memórias, sentimentos próprios do sujeito e de sua experiência pessoal, assim como valores e significados compartilhados social e culturalmente; é composta por uma unidade individual e social, esta impõe àquela, esquemas de percepção de acordo com a realidade histórica coletiva vivida, na medida que a humanidade atinge novos patamares de representação artística, este patamar passa a influenciar na percepção dos indivíduos desta sociedade, produzindo esquemas ideais no qual, no âmbito individual, as pessoas passam a perceber como padrão estético; por fim, a percepção estética, diferente de outras percepções, constitui um fim em si mesma e não um meio para acessar alguma outra finalidade do objeto, ou seja, a percepção do sensível é a própria finalidade, a atenção à forma, às cores, ao estímulo sonoro, ao contraste é em si, o que possibilita o acesso ao significado. O autor também atribui que exista certa distância psíquica entre o sujeito e o objeto, em que a arte ao distanciar-se do reflexo da vida do artista e ganhar autonomia enquanto objeto que reflete sua própria realidade, que ainda é humana por ser um produto humano, de forma que ela produza um alheamento à vida cotidiana, como que para apreciar uma atriz que em cena representa outro papel, precisamos sair da nossa realidade cotidiana e adentrar na realidade da peça. Isto permite que, no encontro com a arte, o sujeito a contemple de forma mais rica, com o exercício da distância e da contemplação, seja possível o desenvolvimento de sua percepção estética e tenha um potencial desautomatizador. Sair da realidade que já está dada, possibilitando outros olhares e, desse modo, promover o desenvolvimento da consciência crítica reflexiva do sujeito para com sua realidade.

A partir do que foi exposto, entendemos que a percepção estética, portanto, é um processo complexo que abrange a esfera social e individual e não acontece da mesma forma durante toda a história da humanidade. No âmbito da arte, Vigotski (1998) salienta que quando

percebemos e experienciamos a obra de arte, vivenciamos ela como sujeitos, entretanto, na perspectiva deste autor, até mesmo na sua esfera mais íntima, todo sujeito é composto pelo social. Somos constituídos pelas relações sociais que nos rodeiam e, internalizamos sentimentos definidos e constituídos socialmente, assim, ao entrarmos em contato com uma obra de arte, vivenciamos aquele sentimento materializado na obra de forma pessoal sem que este deixe de ser social, por isso, nos humanizamos através do trabalho coletivo da humanidade de concretizar mesmo aquilo que é vivido no seu âmago, o sentimento.

Concluimos que a arte é um produto humano que no ato de contemplação e experimentação, permite que apreendamos mais da realidade humana em um âmbito pessoal, ao mesmo tempo social e isto se dá esteticamente, através do sentimento, ou seja, este processo nos humaniza, porém não é apenas no ato de contemplação e experimentação que nos transformamos e nos humanizamos, o artista ao fazer a obra também se transforma e transforma a realidade em que vive. Vigotski (2018) determina a atividade criadora, justamente aquilo “que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente.” (p.16) Portanto, exercemos a atividade criadora não só na arte, mas principalmente no que diz respeito à ela, ao materializar o sentimento enquanto obra, estamos reorganizando elementos do presente e dirigindo-os para o futuro, nossas vivências e emoções, sentimentos são concretizados por meio da técnica e, por pertencermos ao gênero humano, em um determinado período histórico, uma determinada sociedade e uma determinada cultura, quando dizemos de nós mesmos, estamos também dizendo, de certa forma, dos que vieram antes de nós, das pessoas à nossa volta e agindo para o nosso futuro e o futuro da humanidade transformando a realidade.

Diante do potencial desautomatizador da vida cotidiana que vimos da percepção estética, do potencial transformador da arte, que abrange as esferas do indivíduo e do social, nos

perguntamos: qual a relação entre arte e psicologia? Qual o papel que a arte tem ocupado nas intervenções/práticas psicológicas? Responder a essas perguntas não é uma tarefa fácil, mas, foi para buscar possíveis respostas que nasceu esse trabalho. Silva & Viana (2017) e Costa et al., (2016), desenvolvem trabalhos acerca da relação entre Arte e Psicologia em um contexto panorâmico, porém no primeiro não se encontra como objeto de análise em foco a arte como instrumento nas intervenções/práticas psicológicas e o segundo se limita apenas ao campo da Psicologia Social, sendo assim, considerando esta lacuna, visou-se expandir o conhecimento na área, analisando especificamente o uso da arte em intervenções em diversos campos da psicologia. Como este tema constitui o interesse de atuação de nós pesquisadores, a expansão do conhecimento na área pode beneficiar outros psicólogos que se interessam pela área e desejam trabalhar com a arte em sua prática, assim como organizar as produções científicas num trabalho como forma de sintetizar o estado do conhecimento atual, contribuindo com o preenchimento da lacuna mencionada acima e possibilitando novos trabalhos avançando no estado da ciência.

### **A arte como intervenção nas práticas de cuidado**

Em termos históricos, a Psiquiatria teve importante papel nos estudos da Arte com os pacientes psicóticos internados nos asilos. Andriolo (2006) escreve que, na virada do século XIX para o século XX, já existiam estudos que indicavam forte relação entre Psicologia e Arte, porém a Psiquiatria foi um importante mediador entre as áreas. Analisando o percurso histórico, este autor salienta a relação entre arte, psicopatologia e o método comparativo em que, coincidindo com o movimento colonizador imperialista da Europa da época no continente da Oceania, os psiquiatras comparavam a arte dos pacientes internados em asilos com produções de crianças e povos aborígenes, sob a tese de que os “alienados” são indivíduos que retornam aos estados mais

primitivos ou infantis da humanidade e portanto sua arte, em termos estéticos, reflete a arte destes indivíduos. Este método comparativo demonstra grandes limites da época na compreensão da condição dos pacientes internados, numa posição desumanizadora em que sua produção é reduzida ao reflexo de sua condição psicológica e presumida como retorno à um estado primitivo, assim como proposições colonialistas em relação à outros povos ao colocá-los na posição de primitivos por estabelecerem uma organização social diferente da sociedade ocidental européia.

No Brasil, destaca-se o nome do psiquiatra Osório César do Hospital de Juquery de São Paulo, influenciado pela psicanálise e pelos psiquiatras da Europa, utilizou método comparativo para classificar as obras dos pacientes deste hospital em relação à crianças, povos indígenas e artistas de vanguarda, ele chegou a participar da “Semana dos loucos e das crianças” de 1933. (Andriolo, 2006) A posição de Osório dentro da cena cultural de São Paulo da época, o Modernismo, o levou a comparar as obras de seus pacientes, com as obras dos artistas da época, não numa perspectiva de inferiorizar a obra dos artistas, mas de indicar o potencial que a arte de seus pacientes possuía, uma vez que a estética dos artistas modernistas da época ia ao encontro às produções dos pacientes e traziam em si ideais de liberdade e subversão. (Araújo & Jacó-Vilela, 2018)

Outro nome importante no Brasil é de Nise da Silveira, ela trabalhou na área da Terapia Ocupacional no seu ateliê de pintura na Colônia de Alienados de Engenho de Dentro no Rio de Janeiro e procurou desenvolver outra perspectiva a respeito da produção artística dos alienados. Silveira (1981) relata sua posição contrária frente às estratégias de tratamento violentas típicas dos hospitais psiquiátricos como a eletroconvulsoterapia, assim como concepções psiquiátricas que, segundo ela, estavam impregnadas pela patologia. Nise encontrou em Jung fundamentos

para sua prática com os pacientes, buscou com o método interpretativo da psicologia analítica demonstrar não um embotamento emocional como a psiquiatria colocava, mas uma concepção de vivência e sensibilidade vivíssimas que eram preservadas mesmo em pacientes com graves sintomas de Esquizofrenia, assim, por meio desse referencial, Nise pôde adotar métodos que tratavam da cura da Esquizofrenia através de tratamentos exclusivamente psicológicos e, desta maneira, pôde tratar os pacientes a partir do estímulo à criatividade com apoio afetivo e, ao mesmo tempo, demonstrar a riqueza simbólica nas obras de seus pacientes dispondo de elementos da história de vida individual destes pacientes e de símbolos arquetípicos compartilhados pela história da humanidade dentro da mitologia. (Silveira, 1981)

A partir deste pensamento, os símbolos têm potencial transformador dentro do psiquismo. O paciente ao dar forma, através da pintura, aos símbolos está permitindo que o terapeuta tenha acesso aos seus processos psíquicos, ilustrando suas percepções de espaço, de figuras nas quais ele experiêcia como ameaçadoras e, ao mesmo tempo, reorganizando seus processos psíquicos e retomando o controle sob estas figuras, além de que, no trabalho de Nise, ela salienta a importância da presença de um monitor ou outra pessoa que sirva de apoio emocional e afetivo durante o ato de criação. (Silveira, 2001, como citado por Reis, 2014; Silveira, 1981)

Outra experiência no Brasil, aconteceu na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro na década de 50, os autores Araújo e Jacó-Vilela (2018) investigam esta experiência através de documentos da época e salientam as diferenças com outras experiências que aconteceram como de Osório César no Hospital de Juquery e Nise da Silveira no Engenho de Dentro. Nela o desenho e a pintura constituíam parte de outras atividades denominadas de praxiterapia, que englobavam atividades de trabalho como atividades no campo, serviços de administração e em demais locais do hospital como escritório e portaria. Os autores demonstram contradições entre

as proposições das funções terapêuticas e a prática desenvolvida no hospital em que, apesar de valorizarem a prática artística enquanto processo de cura, as atividades de desenho e pintura eram propostas no sentido de práticas dirigidas com reproduções e cópias, ou produções com temas sugeridos reprimindo a criatividade dos internados e desvalorizando obras que não respeitavam ao modelo clássico-figurativo. Desta maneira, a prática desta colônia vai no sentido oposto da potencialidade do ato criativo proposta por Nise da Silveira e do incentivo ao valor das artes de vanguarda proposta por Osório César.

Atualmente, destaca-se a experiência do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), localizado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Fonseca et al. (2009) comenta que durante a reforma psiquiátrica em âmbito nacional, foi criado um espaço de criação livre, onde foram desenvolvidas diversas atividades artísticas como desenhos, pinturas, artesanatos, com diversos materiais que são disponibilizados para os pacientes, participam diversos profissionais de diferentes áreas e busca-se a liberdade de expressão dos pacientes. Ao longo dos anos, Fonseca et al. (2009) diz que, aos moldes de Nise da Silveira e Osório César, criou-se um acervo das obras dos pacientes que serve como catalogação das obras produzidas. Além disso o acervo serve para documentação para futuras pesquisas acerca dos pacientes e também da própria organização deste acervo a exemplo da pesquisa feita por Fonseca et al, 2017, catalogação de coleções de artistas internados que podem ser analisados como ilustrado no artigo de Thomazoni e Fonseca, 2011 em que os autores se detêm à coleção de obras de um paciente específico para desenvolver sua pesquisa. O trabalho da Oficina de Criatividade se desdobra dentro das paredes do hospital com os pacientes, com a participação de membros da comunidade externa no exemplo do Ateliê de Escrita descrito em Rickes e Gleich, 2009 e fora das paredes do hospital na criação de outras oficinas como a Oficina de Capoeira como descrito em Alves e Seminotti, 2006 ou oficinas de

fotografia e mapas desenvolvidas com adolescentes e crianças na unidade de internação do Hospital, como dito no artigo de Diehl et al., 2009.

Para além de contextos hospitalares, existe também a Gestalt-terapia, que utiliza da arte nas suas intervenções de cuidado. Desenvolvida nos Estados Unidos, esta abordagem tem como referência Janie Rhyne, esta autora desenvolveu seu trabalho na época pós-Segunda Guerra e do movimento hippie, buscando na teoria Gestáltica de Fritz Perls, com quem passou seu processo de formação profissional, maneiras alternativas de cuidado e transformação social e, ao longo de seu pensamento, sintetizou a “arte como terapia” e a “arte em terapia” na sua prática terapêutica com clientes, em outras palavras, ela valorizava tanto o processo criativo do cliente de produção de arte quanto as elaborações posteriores como terapêuticos. (Ciornai, 2004) Silva et al., (2013) colocam a posição do Gestalt-terapeuta como alguém responsável por proporcionar ao indivíduo uma experiência mais consciente acerca de sua percepção de si e da realidade à sua volta. Ciornai, 2004 complementa a ideia anterior enfatizando que a relação entre terapeuta e cliente deve ser uma relação acolhedora que demonstre interesse e curiosidade genuínos como forma de possibilitar que o cliente comece a desenvolver esta atitude consigo mesmo, se desprendendo de julgamentos passados, se engajando num processo de autoconhecimento. Nascida num contexto de terapia alternativa, a Gestalt-terapia teve experiências de intervenção com arte desenvolvidas em *workshops* de Arte desenvolvidos por Perls e seus expoentes e trabalhos em comunidades. (Ciornai, 2004)

### **Método**

A pesquisa trata-se de uma Revisão Integrativa da Literatura, conforme apresentado por Souza et al. (2010). As autoras propõem seis fases para o processo da pesquisa sendo elas: (1)

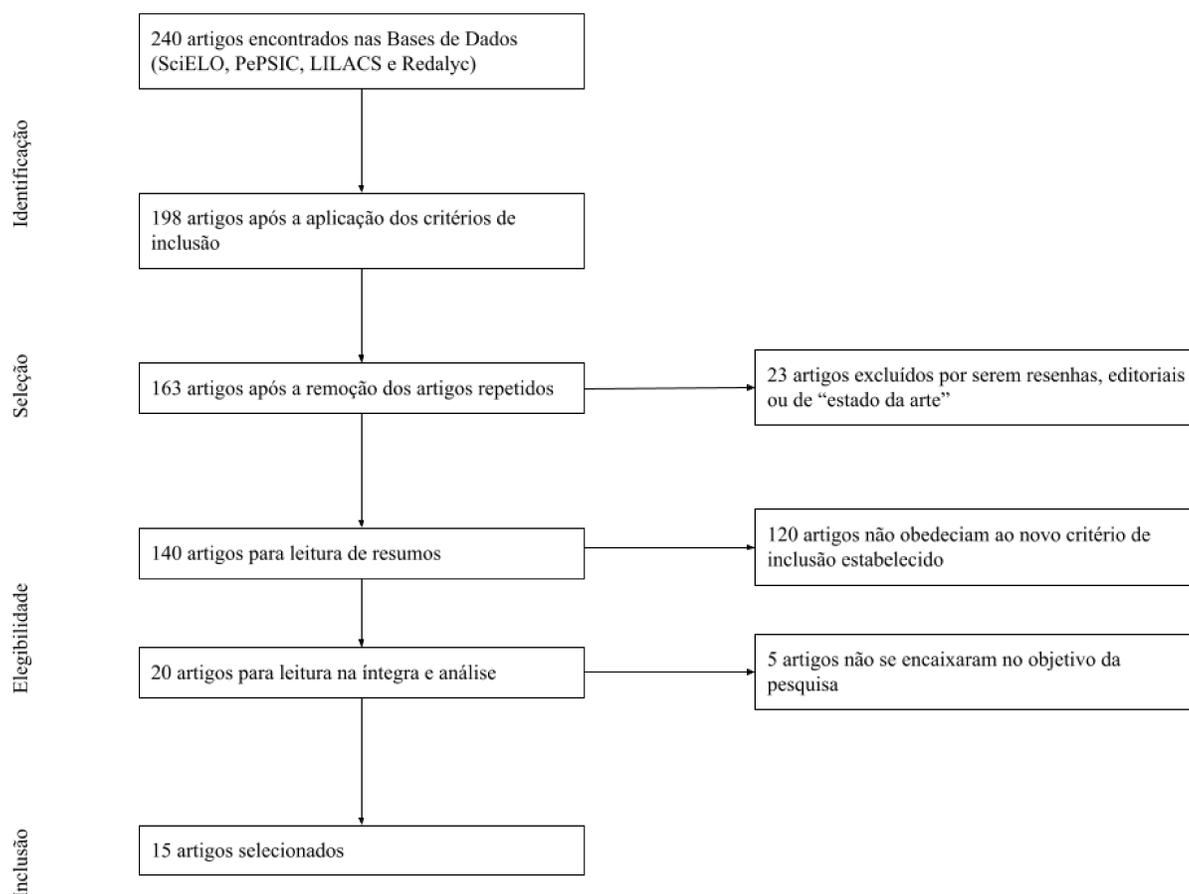
elaboração da pergunta norteadora; (2) busca ou amostragem na literatura; (3) coleta de dados; (4) análise crítica dos estudos incluídos; (5) discussão dos resultados; (6) apresentação da revisão integrativa.

Na primeira fase, estabelecemos a pergunta norteadora: “Qual o papel que a arte tem ocupado nas intervenções/práticas psicológicas?”. Esta pergunta, determinou o restante do estudo como o tema investigado e os estudos incluídos na pesquisa. A segunda fase diz respeito à busca na literatura por meio de bases de dados e periódicos.

A partir da pergunta então, para o segundo passo, elencamos 4 bases de dados do campo da saúde (SciELO, Lilacs, BVS/Pepsic e Redalyc), devido à área do estudo. Com as bases de dados estabelecidas foram realizadas pesquisas nos dias 09/12/2020 e 10/12/2020 com as palavras “Arte” no campo “assuntos” e “Psicologia” no campo “todos os índices”. Os critérios de inclusão deste período de busca inicial foram: artigos em Português, publicados no intervalo de 2010-2020.

No total foram 240 artigos encontrados, com 66 da SciELO, 60 da BVS/Pepsic, 78 da Lilacs e 36 da Redalyc. Após a aplicação dos critérios de inclusão ficaram 198, e, após a remoção dos repetidos, ficaram 163. Na sequência descartamos 23 produções que não tinham relação com o objetivo da pesquisa por não serem artigos científicos, como resenhas, editoriais ou por serem artigos de revisão sobre o tema como pesquisas de “estado da arte”. Tendo em mãos 140 artigos, iniciamos a leitura dos títulos e dos resumos e, com a pergunta norteadora como base, entendemos que os estudos que melhor respondiam a pergunta seriam estudos empíricos ou teórico-empíricos de prática psicológica que trouxessem em si o uso da arte para fins de intervenção e cuidado. Assim, estabelecemos como critério de inclusão final os artigos que obedeciam a este formato e excluímos artigos teóricos e artigos de práticas não vinculadas à

psicologia, em um total de 120 artigos. Portanto, nesta etapa final, 20 artigos foram selecionados para leitura na íntegra por cumprirem todos os critérios definidos. Na leitura na íntegra, mais 5 foram descartados por serem identificados como prática psicológica em que a intervenção não incluía fins de cuidado, sendo o foco maior em fins pedagógicos, experimentais ou estudos que não incluíam a arte como instrumento direto de trabalho. Após a retirada, totalizaram 15 artigos para a análise.



**Figura 1:** Fluxograma da segunda fase (busca ou amostragem da literatura).

Na terceira fase, extraímos os dados encontrados no material levantado por meio de um instrumento incluindo: participantes, metodologia e conceitos embaixadores. Na quarta fase

analisamos criticamente os dados extraídos na perspectiva dos conceitos utilizados, a metodologia e características de cada estudo.

A partir da análise crítica dos dados, prosseguimos para a quinta fase onde foi feita a discussão dos resultados encontrados explicitando tendências, inferências e conclusões. E, como sexta e última fase, apresentamos a revisão integrativa de caráter qualitativo tendo em vista os achados da pesquisa, as convergências e divergências em relação a pesquisas de revisão passadas sobre o mesmo tema.

### Resultados

Os resultados encontrados foram agrupados nesta tabela como forma de sintetizar os dados do material encontrado, extraímos os dados de cada estudo para contribuir com a análise e comparação entre os artigos. Os dados extraídos do corpo dos artigos são: Abordagem teórica da pesquisa ou metodologia, Tipo de pesquisa, Participantes do estudo (ou público-alvo), Tipo de Intervenção e Linguagem Artística utilizada no processo interventivo.

<b>Autores(as)</b>	<b>Título do Artigo</b>	<b>Abordagem</b>	<b>Participantes do Estudo</b>	<b>Tipo de Intervenção</b>	<b>Linguagem Artística</b>
Carvalho, Gabriela Borges; Costa Neto; Sebastião Benício da; e Ferreira, Cintia Bragheto.	Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas.	Psicanálise	Pacientes com doenças onco-hematológicas	Entrevista a beira leito	Pintura
Vieira, Camila Martins et al.	Escutando contos, desenhando a vida:: arteterapia em enfermarias pediátricas de um Hospital de Ensino de Alta Complexidade em Pernambuco	Psicologia Analítica	Crianças e adolescentes internados com participação de mães	Grupo	Contação de histórias; Desenho

	- IMIP				
Morais, Katerina Czajkowska Braga de et al.	Gestalt, grupoterapia e arte: a ressignificação do bebê pré-termo em unidade neonatal.	Gestalt-terapia	Mães de bebês com nascimento prematureo	Grupo	Desenhos;Pin tura; Colagens
Lima, Maria Celina Peixoto et al.	Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na clínica-escola.	Psicanálise	Adolescentes	Oficinas Multidisciplinares	Artes Plásticas
Barreto, Ricardo Azevedo	Psicanálise e arte: o programa de humanização no hospital São Lucas em Sergipe.	Psicanálise	Pacientes, acompanhantes e profissionais	Atividades diversas	Variadas
Pinheiro, Francisco Pablo and Colaço, Veriana Rodrigues	Dramatizações e psicologia comunitária: um estudo de processos de mediação simbólica.	Psicologia Histórico-Cult ural e Psicologia Comunitária	Adolescentes	Grupo	Teatro
Yonezawa, Fernando; Cuevas, Márcia	Educação Antiniilista: corpo e arte produzindo sentido na escola.	Esquizoanalis e	Estudantes do Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA)	Oficina	Experimentaç ão Corporal-artís tica
Alvim, Mônica Botelho et al.	Laboratório Sensorial: uma proposta de ativação do corpo.	Gestalt-terapia	Variado	Laboratório	Experimentaç ão Sensorial; Desenho
Souza, Vera Lúcia Trevisan de; Dugnani, Lilian Aparecida Cruz;	Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora	Psicologia Histórico-Cult ural	Estudantes do Ensino médio	Encontros	Variadas

Reis, Elaine de Cássia Gonçalves dos.					
Bezerra, Paulo Victor; Baldin, Talita; Justo, José Sterza.	Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro.	Psicanálise (Pichon-Rivière)	Idosos	Oficinas	Variadas
Andrade, Lucélia de Almeida; Grisi Velôso, Thelma Maria.	Arte e saúde mental: uma experiência com a metodologia participativa da educação popular	Psicologia Social Comunitária e Educação Popular	Usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)	Oficinas	Teatro; Produção audiovisual
Petroni, Ana Paula; Souza, Vera Lucia Trevisan de.	Psicólogo escolar e equipe gestora: tensões e contradições de uma parceria	Psicologia Histórico-cultural	Equipe Profissional da escolha (Professores e Gestores)	Grupo	Variadas
Reis, Alice Casanova dos.	A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico	Psicologia Histórico-Cultural	Mulheres	Grupo	Variadas
Furtado, Janaína Rocha et al.	Teatro sem vergonha: jovens, oficinas estéticas e mudanças nas imagens de si mesmo	Psicologia Histórico-Cultural	Adolescentes do sexo feminino	Oficina	Teatro
Almeida, Arisa Nara Saldanha de et al.	Produção de subjetividade e sexualidade em mulheres vivendo com o HIV/Aids: uma produção sociopoética	Sociopoética	Mulheres portadoras de HIV/AIDS	Oficina	Pintura

**Tabela 1:** Artigos selecionados para análise e respectivos dados extraídos de acordo com a necessidade da pesquisa.

### **1. Arte e Psicologia: interfaces e considerações teóricas**

Como categorização dos artigos encontrados, foi utilizado o critério por abordagem, entendendo-se que a perspectiva teórica utilizada não só fornece a base para o trabalho da psicologia e a arte, como também orienta a forma como acontece a prática interventiva e a interpretação acerca dos resultados de cada experiência dos artigos científicos analisados. Todos os artigos analisados partem de um pressuposto fundamental: a arte como mediadora para funções e fins de cuidado. Isto é o que viabiliza todo o trabalho que virá a ser desenvolvido.

Nesta análise, identificamos 5 abordagens teóricas predominantes que servem de base para a metodologia e análise de todos os artigos. Estas abordagens teóricas são Psicologia Analítica, Psicanálise, Gestalt-terapia, Esquizoanálise e Psicologia Histórico-Cultural. As metodologias analisadas fazem uso destas abordagens diretamente ou utilizam-se delas em conjunto com outras, para construir suas metodologias de pesquisa. Os exemplos destas metodologias encontrados na análise foram: Cartografia, Psicologia Social Comunitária em diálogo com a Educação Popular. Apenas uma metodologia encontra-se na sua própria área de delimitação conceitual, a Sociopoética.

Primeiramente, na Psicologia Analítica destaca-se o autor Jung. O principal criador desta abordagem aparece em um artigo analisado, que apresenta prática em contexto hospitalar, estabelecendo uma relação entre o recurso da arte com o processo de internação e expressão da vivência emocional dos pacientes. O artigo adota a concepção de arte junguiana em que esta serve como meio para o aparecimento de imagens arquetípicas que, por seu caráter simbólico, dá

forma à emoções e sentimentos que não passam pela comunicação verbal, possibilitando a conscientização por parte do sujeito. (Vieira et al., 2012)

O contato do paciente com a arte significa o despertar de conteúdos do inconsciente individual que adquire a forma de símbolos através da expressão artística e possibilita a ressignificação destes símbolos que afetam a realidade psíquica do paciente. O terapeuta interpreta as produções a partir da compreensão destes símbolos também como sendo compartilhados universalmente através do inconsciente coletivo que “constitui-se de conteúdos que nunca foram conscientes e são, portanto, arquetípicos, enquanto que no inconsciente pessoal estão conteúdos que já foram conscientes” (Vieira et al., 2012, p. 48) Este caráter universalmente compartilhado das imagens não significa que será produzido apenas um sentido único, desta forma cabe ao arteterapeuta a busca de sentido ou a interpretação, levando em conta o afeto ligado à memória e história de vida de cada sujeito. (Vieira et al., 2012)

O próximo artigo analisado apresenta uma perspectiva psicodinâmica de seus resultados, adotando portanto uma perspectiva psicanalítica sobre os fenômenos. A perspectiva simbólica de Jung não aparece, sendo dada ênfase ao caráter projetivo de impulsos e fantasias inconscientes do paciente ao entrar em contato com a obra para enfrentamento de temas e conteúdos da vida pessoal dos indivíduos que encontram ressignificação na relação terapêutica. (Carvalho et al., 2020) Nas palavras dos autores, “ao manifestar suas impressões sobre a obra, o sujeito manifesta também, inconscientemente, sobre si mesmo, a arte, por ser projetiva revela aquilo que o sujeito muitas vezes não consegue dizer.” (p. 100)

Estas ideias expostas no parágrafo acima entram em concordância com a ideia da arte proposta pela psicanálise freudiana. Outro artigo resgatado pela pesquisa atualiza conceitos freudianos a partir de considerações lacanianas a respeito da clínica em que, em suma, a arte

como mediação substitui a usual demanda do analista na clínica tradicional. Ao invés de “fale” espera-se que o sujeito “crie algo” de forma que, assim como na fala, o processo de criação também possibilita a expressão do inconsciente e, além disso, coloca o paciente em ação, revelando sua potencialidade criativa. (Lima et al., 2013) O artigo destaca impasses teóricos à respeito do conceito freudiano de sublimação mas não entra no debate à respeito, declarando existir outros artigos na literatura que tratam deste tema e escolhe dar ênfase no ato criativo como agente importante nas demandas do público-alvo do artigo, compreendidas como reorganização da vida pulsional decorrente da puberdade e da passagem da infância à adolescência.

Ainda no campo psicanalítico, Pichon-Rivière foi outra referência encontrada em um dos artigos analisados. Nesta perspectiva, o conceito de grupo utilizado denomina-se grupo-operativo, de acordo com Bezerra et al., (2015):

“o grupo-operativo se organiza em torno de duas tarefas: aquela atividade ou trabalho que é acordado entre os participantes e a tarefa de construir ou aprimorar o funcionamento do próprio grupo, significando isso desenvolver relações e vínculos que lhe deem maior capacidade de criação, transformação e realização de seus objetivos racionais e afetivo-emocionais.” (p. 440)

Okamoto (2017) nos ajuda a elucidar alguns pontos teóricos sobre a teoria de Pichon-Rivière que não foram o foco do artigo encontrado. A autora ilustra que este teórico rompe com a psicanálise tradicional de sua época, ao mesmo tempo em que ele sustenta a teoria do inconsciente freudiano e das fantasias, ele salienta a importância de pensar o indivíduo inserido dentro de um contexto histórico-social fundamentado pelo autor a partir do marxismo e da exploração do homem pelo homem. Assim, entende-se que mesmo que o indivíduo se

constitui enquanto sujeito dentro de sua configuração relacional primária, sua família e reproduza fantasias inconscientes no seu cotidiano, isto não acontece num vácuo histórico-social, portanto este contexto deve ser levado em conta na concepção de sujeito e, desta maneira, o trabalho em grupo, apesar de ser entendido como uma organização em que os sujeitos vão reproduzir suas formas de agir primárias e inconscientes, também será entendido como um espaço que possibilita e transforma as fantasias inconscientes através do desenvolvimento humano pela construção de vínculos e trabalho coletivo.

Percebemos neste artigo uma orientação de trabalho com a arte diferente dos artigos analisados acima, existe uma ênfase no trabalho grupal de um ponto de vista teórico, mesmo que o grupo seja composto por sujeitos que possuem suas próprias vivências, o envolvimento coletivo e a dinâmica relacional possuem um papel importante na intervenção.

O último artigo encontrado na abordagem psicanalítica a aborda em uma perspectiva institucional. Elaborar-se sobre a ruptura do modelo hospitalar biologizante correspondente à visão da medicina sobre o corpo, um corpo anatômico-fisiológico, neste sentido o psicanalista dentro da instituição percebe o sujeito para além do biológico, percebe um sujeito de linguagem, um sujeito dotado de fantasias, angústias e desejos para com seu processo de saúde-doença, para com o próprio contexto hospitalar, portanto a escuta diferenciada ofertada pelo psicanalista abre espaço para o mal-estar deste sujeito que não tem lugar dentro do discurso médico. (Barreto, 2010). Neste espaço para um sujeito para além do biológico, a arte aparece nesta perspectiva de humanização dentro do ambiente hospitalar, para aquilo que comumente não cabe, na visão dos autores, neste ambiente institucional.

Em relação à Gestalt-terapia, esta é composta por referenciais fenomenológicos, existenciais e da filosofia oriental zen-budismo. Dois dos artigos resgatados utilizam-se desta

abordagem, um deles se baseia na Gestalt-terapia e na fenomenologia de Merleau-Ponty. Merleau-Ponty constrói sua noção de corpo, como um corpo habitual, não como uma reprodução automática de comportamentos, mas como um corpo que se atualiza na e pela experiência com o mundo com reprodução de hábitos de origem social, sedimentados na forma de gestos. (Alvim et al., 2019) A Gestalt-terapia também olha para a existência como um constante devir, na experiência do sujeito com o mundo, a cada experiência nova se reconfigura a fim de atingir novamente um equilíbrio e o enrijecimento deste movimento significa o enrijecimento do potencial criativo deste corpo para lidar com o mundo. (Alvim et al., 2019) O *awareness* é um conceito-chave para esta abordagem, numa tradução nossa, que segundo Moraes et al., (2013) pode ser entendida como tomada de consciência, o indivíduo passa por um processo de reconhecimento de como ele se percebe a age no mundo, a grupoterapia e a arte enquanto técnica aparecem neste segundo artigo analisado pela perspectiva gestáltica como forma e instrumento para que os sujeitos se apoiem nas suas semelhanças e diferenças acerca do vivido e assim ressignificar sua vida e aumentar sua potencialidade criativa.

Diferentemente da psicanálise, vemos como o trabalho com a arte na Gestalt-terapia convida o sujeito em um processo de olhar para si, o contato com a arte não representa o contato com conteúdos inconscientes a serem interpretados e desvelados pelo terapeuta, ele significa a possibilidade de reposicionar, constituir novos sentidos a partir de um processo de autoconhecimento desenvolvido na relação terapêutica que possibilita que o sujeito reatualize sua visão de si para além de sua vida cotidiana.

A próxima abordagem a ser analisada é a Esquizoanálise compreendida através da metodologia cartográfica com o referencial de Deleuze e Guattari. A metodologia cartográfica orienta a posição do pesquisador, Deleuze (1997), como citado em Yonezawa e Cuevas (2018)

“diz que cartografar é criar uma listagem ou mapa de afetos experimentados em um deslocamento, o qual revela os impasses, aberturas e devires de uma realidade.” (p. 1516) Os pesquisadores, ao ocuparem a sala de aula, ou território como é denominado o espaço de pesquisa dentro do método cartográfico, sentem e compreendem a realidade como perpassada pelo conceito de niilismo. Suas concepções vêm a partir do que eles chamam de atravessamentos políticos e sociais da vida no capitalismo fundamentada pelos autores deste referencial teórico.

Brevemente, o niilismo assinalado pelos pesquisadores é colocado como um niilismo passivo em que os estudantes, ao não se envolverem nas aulas, estão experimentando em seus corpos o que Nietzsche, como citado por Yonezawa e Cuevas (2018), coloca como uma ausência de valores, ausência de sentido na própria existência da vida e diante dessa falta de sentido, o sujeito se vê enfraquecido e produz apenas mundos sem forças. Ou seja, ao perceberem-se numa vida sem um sentido inerente, os estudantes não vêem sentido em experimentar as aulas, engajar-se na discussão, visto que se vêem impotentes em relação à realidade. Neste sentido, as autoras escolhem a proposta artística do artigo, que vêm dos artistas Hélio Oiticica e Lygia Clark e que tem o objetivo da experimentação corporal e sensibilização dos corpos, os pesquisadores constroem um túnel com materiais variados, a fim de despertar novas sensações nos sujeitos do estudo em conjunto com perguntas a respeito dos contextos em que eles vivem, desta forma, mobilizando afetos e possibilitando reflexões e estimulando a construção de novos sentidos.

Na abordagem da Psicologia Histórico-Cultural, o número de artigos encontrados foram cinco. A arte aparece univocamente como um instrumento mediador entre o sujeito e a realidade em todos os artigos analisados. Vigotski é o autor-chave para esta abordagem e todos os artigos partem da Arte como uma forma de linguagem que está intimamente ligada ao afeto, à imaginação e às emoções e pode, assim, promover desenvolvimento nos sujeitos. Em Souza et al.

(2018) as autoras ressaltam a capacidade do contato com a obra de arte ir além da típica vivência cotidiana, a emoção experienciada na obra de arte aparece mediada pela materialidade da obra e, desde que afete os sujeitos, passa a ser objeto da imaginação, mobilizando o sujeito para que, num processo ativo de contemplação da obra, passe a produzir novos sentidos e significados a respeito daquilo que o afeta. Petroni e Souza (2014) não fazem menção diretamente à vivência cotidiana, porém ressaltam que, neste uso da arte, o objetivo da ampliação de consciência dos sujeitos partindo do mesmo pressuposto: a arte coloca os afetos em movimento e o sujeito, ao pensar sobre suas próprias afetações está promovendo alterações na sua própria vida psíquica e na realidade.

Os artigos encontrados e citados acima dão ênfase em como a arte afeta o sujeito, os artigos restantes destacam outro aspecto da arte dentro desta abordagem, a ação criadora do sujeito. Vigotski, 1998, p.307 como citado em Reis (2014) coloca "a arte recolhe da vida seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material." (p.248) Furtado et al (2011) colocam esta ideia em outras palavras, relacionando-a com o sujeito que cria e entendendo que na criação, o sujeito objetiva algo novo a partir de fragmentos de sua própria experiência que ele julga significativos, caracterizando assim, um processo singular que, ao existir como objeto na realidade transforma o sujeito que o criou, assim como a realidade em que existe, se tornando um elemento da realidade que também poderá ser submetido novamente a outro ato criativo.

No contexto de atividade criadora na construção de imagens-de-si do sujeito, Furtado, et al. (2011) estabelece a ação criadora como um processo de singularização de sujeitos. Em consonância com a ideia exposta no parágrafo acima, pode-se entender a atividade criativa como uma internalização e reorganização da experiência coletiva do sujeito, por meio das relações

sociais que, ao ser objetivada, seja por meio de uma obra, seja por meio da fala ou ação, apropria-se dos instrumentos sociais e atribui novos sentidos à sua própria experiência.

A função psicológica responsável pela ação criadora segundo Vygotsky (1996a) como citado em Pinheiro e Colaço (2010, p. 80) “possibilita ao homem projetar-se no futuro, criar imagens de um passado, de objetos ou de ações que não necessariamente vivenciou; de modo geral, permite a superação das limitações situacionais impostas pela realidade.” Assim, possibilitou com que a humanidade pudesse olhar para a experiência vivida como sujeito individual e como produção coletiva e projetar novas maneiras de existir no futuro com base neste passado. A imaginação, portanto, constitui uma função psicológica básica para o ato criativo, ou seja, para que a humanidade introduza o novo à realidade objetiva.

Compreendendo a arte como produzida pela humanidade e através da imaginação como foi explicitado, entende-se que a imaginação está intimamente ligada com o processo de criação do criador e a percepção do espectador, a introdução do novo, assim, reflete a vida subjetiva do criador, por este criador pertencer ao gênero universal da humanidade, ao dizer de sua vida particular, também diz da vida universal humana e assim, diz de sentimentos e emoções compartilhado por todos, tornando possível que os afetos da obra, coloquem em movimento os afetos do espectador.

No que diz respeito à Psicologia Social Comunitária em diálogo com a Educação Popular, um artigo foi recuperado como um relato de experiência de uma estágio realizado no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), com o objetivo de “estimular a autonomia social e a reflexão crítica dos usuários, privilegiando o seu protagonismo por meio da promoção de atividades que valorizassem suas potencialidades e incentivassem sua participação mais ativa e criativa.” (Andrade & Veloso, 2015) Este referencial teórico, segundo o artigo resgatado, orienta

a atuação do psicólogo como alguém que possibilita diálogos por meio de metodologias participativas para que os sujeitos de uma determinada comunidade possam eleger temáticas a respeito dos problemas que eles enfrentam e vinculá-los à sua comunidade. Neste caso, a metodologia participativa escolhida foi a Educação Popular, que tem como princípio norteador a noção de participação uma ação coletiva como forma de produção de conhecimento e intervenção no mundo, partindo da ideia de sujeito como ativo em seu grupo social.

Por fim, foi encontrada a Sociopoética, uma metodologia qualitativa que visa romper com a usual verticalidade entre pesquisador e aquilo que é pesquisado, o grupo-pesquisador produz seus dados junto ao sujeito de pesquisa subvertendo o jogo usual de forças que privilegia aquele quem interpreta. (Almeida et al., 2010) Para isso, é papel do facilitador utilizar-se de dispositivos que façam surgir a diferença, que façam emergir dos sujeitos seus desejos e singularidades. (Almeida et al., 2010) No caso deste artigo, a arte é escolhida para cumprir esta função de dispositivo.

Em termos de abordagem em Silva e Viana (2017) os artigos encontrados em maior número foram da abordagem psicanalítica, na nossa pesquisa, encontramos resultados diferentes, sendo a abordagem mais frequente a Psicologia Histórico-Cultural, estando presente em 5 dos 15 artigos encontrados. Os autores salientam que na sua pesquisa não fizeram distinção da arte como objeto de estudo e da arte como instrumento, indicando que uma vez feita esta distinção como nesta nossa pesquisa, os resultados são diferentes. Outra hipótese a ser considerada é a questão do tempo, a pesquisa destes autores é feita até o ano de 2014, indicando que nos 6 anos entre 2014 e 2020, o quadro das publicações pode ter se alterado.

De uma maneira geral, salvo as particularidades de cada abordagem, teoricamente a arte aparece como instrumento, técnica, dispositivo ou mediação utilizada para atingir objetivos de

expressão da singularidade de cada sujeito, ressignificação de de suas vivências, potencialização da atividade criativa na vida cotidiana ou transformação política do sujeito com ênfase no protagonismo social e capacidade de ação dentro de sua própria história. Este último ponto acerca da transformação política é corroborado pela revisão de Costa et al. (2016) em que, no que diz respeito ao tema de arte como instrumento, encontram-se resultados que têm esta mesma orientação.

## **2. Arte e Psicologia: prática transformadora**

Todas as intervenções são trabalhadas em contextos institucionais como hospitais e escolas com grupos de participantes variados, geralmente atendendo a demandas institucionais e com linguagens artísticas variadas. Analisando as intervenções desenvolvidas nos artigos encontrados, encontramos majoritariamente práticas grupais, apenas um artigo, apresenta uma forma individual de intervenção.

As intervenções em contexto hospitalar correspondem a cinco das pesquisas encontradas. A prática é desenvolvida para atender demandas da instituição, o público-alvo dos artigos abrange crianças, adolescentes, mães de bebês prematuros, pacientes com doenças onco-hematológicas, mulheres portadoras de HIV e a equipe profissional. Em três deles a prática está ligada a projetos desenvolvidos dentro da instituição, um deles apresenta um amplo programa articulado de trabalho com a instituição que engloba sete diferentes atividades desenvolvidas e em um único artigo a prática nasce com o objetivo de pesquisa.

Os objetivos se destinam à melhor interação entre os pacientes, acompanhante e equipe profissional, também foi encontrado o objetivo de estabelecer um espaço no qual os pacientes pudessem expressar suas angústias em relação à seu processo de saúde-doença, das

particularidades da vivência como paciente internado. Como um dos próprios artigos coloca sobre as práticas desenvolvidas dentro da instituição puderam perceber “efeitos na qualidade das relações e no bem-estar das pessoas dentro do hospital, ampliação do autocuidado e participação mais ativa do acompanhante.” (Barreto, 2010, p. 144) Os outros artigos apresentam resultados similares em que a intervenção auxiliou que os pacientes a lidarem melhor com suas enfermidades e com o processo de internação, o exercício artístico possibilitou, por exemplo, no caso das mães de bebê pré-termo, que estas mães se dirigissem à seus filhos para além do biológico, se redescobrissem enquanto mães para além de um ideal parental e projetar desejos à estes bebês considerados tão frágeis. (Morais et al. (2013) Na intervenção com mulheres com HIV, a arte possibilitou que elas representassem sua sexualidade por meio de desenhos e assim entrar em contato e expressar no grupo experiências dolorosas, além de, perceber uma sexualidade que está para além do ato sexual. (Almeida et al., 2010) Em geral o trabalho dentro desta instituição enfoca na construção de espaços terapêuticos e utiliza da arte enquanto técnica ou dispositivo para que estes pacientes possam expressar, de forma artística e reflexiva, seus sentimentos e afetos acerca de suas vivências.

No ambiente escolar, foram encontrados três artigos. Os participantes em dois deles são estudantes e no outro é a equipe gestora em conjunto com os professores, com os adolescentes o trabalho abarcou objetivos diferentes. Em um deles, visou-se o contato dos adolescentes com profissões que poderiam ser do seu interesse e arte é utilizada para favorecer processos reflexivos a respeito da condição do trabalhador dentro da sociedade. (Souza et al., 2018) No outro com alunos do Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve o objetivo de politização dos jovens, uma transformação no âmbito micropolítico para potencializar seus corpos como sujeitos ativos em relação às aulas e a vida no geral, a arte é colocada como potente recurso por meio da

experimentação corporal de sensações e reflexões para que os estudantes possam ter experiências para além do seu cotidiano despotencializador. (Yonezawa & Cuevas, 2018) Com professores problematizou-se a inserção do psicólogo escolar na instituição priorizando a horizontalidade da relação entre a equipe pesquisadora e os sujeitos de pesquisa e por meio da arte tiveram o objetivo de ampliação da consciência da equipe a respeito de si e de seus papéis dentro da escola. (Petroni & Souza, 2014) Mais uma vez percebemos como as atividades na instituição estão intimamente ligadas às demandas e como o trabalho do psicólogo vinculado à arte serve para construir espaços reflexivos e dialógicos que não são vividos em outros espaços dentro da instituição para que estes sujeitos possam se expressar.

Outro contexto importante analisado é o trabalho de psicólogos em Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) e podemos incluir também as parcerias entre psicólogos e organizações sociais, centros comunitários, projetos multidisciplinares de Universidades numa clínica-escola e um projeto de extensão de outra Universidade que oferece um laboratório de experimentações sensoriais artísticas. Nestes contextos os participantes foram adolescentes, idosos e usuários do serviço de saúde do CAPS em que, com os dois primeiros, foram feitas intervenções a fim de ampliar o desenvolvimento destes períodos da vida. No caso dos adolescentes, o rompimento com laços familiares primários e as mudanças decorrentes do processo de não ser mais criança. (Lima et al., 2013) No caso dos idosos problematizou-se questões temporais acerca do passado e futuro, focalizando na construção de vínculos e na resignificação da vida, favorecendo o papel de protagonista do sujeito em sua própria vida. (Bezerra et al., 2015) Com os usuários do CAPS, assim como o último, foi desenvolvido uma produção audiovisual coletivamente, usando também recursos de teatro, para que estes sujeitos pudessem contar sua própria história, os tratamentos a que foram submetidos e fortalecer seu

protagonismo social. (Andrade & Veloso, 2015) Neste contexto, apenas o laboratório sensorial não oferece um espaço de discussão posterior à experiência proposta, o objetivo deste estudo consiste em trazer a atenção ao corpo e ampliar a percepção do sujeito acerca de si através das sensações. (Alvim et al., 2019) Com exceção deste último estudo citado, todos os outros utilizaram deste espaço para estabelecer diálogos e trocas entre os sujeitos como forma de potencializar o trabalho em grupo e a vivência individual de cada sujeito. Com usuários do CAPS, particularmente, salientou-se a importância da participação ativa dos membros do grupo com sugestões e propostas a respeito do trabalho,

Os artigos que desenvolvem um trabalho em perspectiva grupal com mais de um encontro abrangem 12 dos 15 artigos analisados, indicando que há, no cenário de publicações científicas, uma tendência deste tipo de intervenção no trabalho com arte. Nos outros trabalhos restantes, 2 deles apresentam intervenções únicas de prática grupal ou oficina e apenas 1 faz um trabalho individual com cada paciente.

As linguagens artísticas utilizadas no material encontrado apresenta uma variedade diversa. Em destaque às linguagens escolhidas pelos artigos para análise destacam o teatro e a pintura numa perspectiva de contemplação e produção de obras, o teatro enfoca a dramatização e a experimentação com o corpo. Silva e Viana (2017) encontram outro cenário com predominância da literatura como linguagem artística trabalhada, sua pesquisa apresenta também um grande número de artigos reflexivos e teóricos, indicando que esta linguagem pode ser mais trabalhada por psicólogos nesta perspectiva do que numa perspectiva prática e interventiva, porém há uma concordância na segunda linguagem mais achada na pesquisa dos autores, as artes plásticas abrangendo a pintura e o desenho constituem 6 dos artigos encontrados na nossa pesquisa. No caso de nossa pesquisa encontramos métodos e técnicas artísticas que os psicólogos

utilizaram de autores do campo da arte como o Teatro do Oprimido de Augusto Boal e propostas artísticas de Hélio Oiticica e Lygia Clark trazendo um cenário prolífico de diálogo entres estas áreas.

Na pesquisa de Silva e Viana (2017), a maior parte dos artigos encontrados eram de ampliação teórico/conceitual e discussão sobre temas de arte, os levando a concluir que o campo da arte ainda é um campo em desenvolvimento na perspectiva psicológica, o pequeno número de artigos encontrados na nossa pesquisa corrobora com esta conclusão, uma vez que, dado o número de artigos encontrados no processo inicial de seleção dos dados para leitura de resumos (140), apenas 15 passaram pelo critério de uso da arte em práticas interventivas e fins de cuidado.

### **Conclusão**

Esta revisão de literatura teve o objetivo de responder a pergunta sobre qual o papel que a arte tem ocupado nas intervenções/práticas psicológicas, descobriu-se uma relação entre estas áreas que remonta à Europa e à psiquiatria do século XX, e que foi se desenvolvendo dentro dos hospitais psiquiátricos, porém não se limitou à este contexto. Hoje percebemos que a relação entre arte e psicologia perpassa por pelo menos cinco abordagens teóricas como foi encontrado neste trabalho e abrange contextos de saúde, escolares e sociais, com intervenções feitas majoritariamente por práticas grupais, de acordo com demandas institucionais e a inserção do psicólogo dentro destas instituições. Percebemos nestes resultados que, comparado ao início do desenvolvimento desta área, o trabalho entre arte e psicologia dentro das instituições não só perdurou, como também se expandiu para outras instituições.

A arte aparece enquanto meio, técnica, dispositivo ou instrumento para atingir um determinado fim entendido como psicoterápico dentro de cada abordagem particular.

Concluimos também, em concordância com revisões passadas, que este campo ainda constitui um campo em desenvolvimento que, no seu estado atual de publicações científicas, produz mais artigos teóricos, conceituais ou reflexivos como forma de solidificar este campo do saber. Desta forma, entendemos que cabe a reflexão, pensando que, nos artigos encontrados neste trabalho, a arte aparece enquanto meio subordinado à própria psicologia, aos fins que esta ciência julga necessários à sua prática, portanto, além de pensar a arte dentro deste campo, salientamos a importância de pensar quais fins a psicologia está levando em conta no seu trabalho e qual o papel que esta ciência possui dentro da sociedade em que vivemos. Como vimos no começo deste trabalho, nos seus primórdios, a relação entre a arte e a psiquiatria, por exemplo, não deixou de ser influenciada, de modo mais geral, por expansões colonialistas e imperialistas da sociedade europeia da época e isto teve impacto na visão de sujeito que os pesquisadores tiveram a respeito dos pacientes psiquiátricos. Será qual o papel que a psicologia, hoje, tem tido na manutenção da sociedade capitalista de caráter neoliberal em que vivemos? Como a nossa concepção de mundo atual influencia no trabalho dos psicólogos que utilizam a arte?

Estas são questões que nos parecem fundamentais para pensarmos qual o papel que a psicologia tem dentro da sociedade atual e como o trabalho desta ciência em parceria com as artes pode agir de uma maneira que não se limite à manutenção da sociedade como ela existe. Os objetivos dos artigos encontrados neste trabalho perpassam pela criação de espaços para que os sujeitos possam expressar seus sentimentos, desenvolver seu processo de autoconhecimento, proporcionar com que os indivíduos possam contar sua própria história, fortalecer seu protagonismo social, potencializar a ação do sujeito frente à um cotidiano despotencializante, frente à isso, acreditamos ser válida a reflexão de que, se a psicologia se ocupa destes objetivos,

o que na sociedade faz com que estes sujeitos não experienciem na sua vida contextos que promovam este tipo de desenvolvimento.

É importante notar que este trabalho trata de um recorte específico em que a arte constitui elemento central dentro da intervenção psicológica, como uma ferramenta ou recurso de cuidado para com os pacientes, portanto não faz uma análise aprofundada a respeito do estado de produção teórica atual acerca desta área do saber. A utilização dos descritores “Arte (Assunto)” + “Psicologia (Todos os índices)” pode também ter limitado a nossa busca, impossibilitando que achemos artigos que trabalham com arte, porém utilizam-se de outros descritores além dos que utilizamos. Além disso, nossa pesquisa se limitou à artigos publicados na área, livros, capítulos de livros e teses não foram incluídos por conta da natureza do trabalho, abrindo possibilidade para que outros estudos sejam feitos neste recorte. O número reduzido de revisões feitas deste campo do saber também estabelece limites ao que podemos chamar de tendências e divergências dentro da área estudada, sendo necessária a produção de mais trabalhos para que possamos ampliar o conhecimento geral e longitudinal dos estudos da relação entre arte e psicologia.

### Referências

- Andrade, L. de A. & Veloso, T. M. G (2015). Arte e saúde mental: uma experiência com a metodologia participativa da Educação Popular. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 10(1), 79-87.  
[http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/Andrade%2C%20Vel%C3%B4so](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/Andrade%2C%20Vel%C3%B4so)
- Andriolo, A. (2006). O método comparativo na origem da psicologia da arte. *Psicologia USP*, 17(2), 43-57. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000200003>.

- Alves, M. C., & Seminotti, N. A. (2006) O pequeno grupo "Oficina de Capoeira" no contexto da reforma psiquiátrica. *Saúde e Sociedade*, 15(1), 58-72.  
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902006000100007>.
- Alvim, M. B., Reis A. V., Gutmacher, L., & Silva, A. C. M. (2019). Laboratório Sensorial: uma proposta de ativação do corpo. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, 1-16.  
<https://doi.org/10.1590/Interface.180367>.
- Barreto, R. A.. (2010). Psicanálise e arte: o programa de humanização no hospital São Lucas em Sergipe. *Estudos de Psicanálise*, 33, 137-146.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000100014&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100014&lng=pt&tlng=pt).
- Bezerra, P. V., Baldin, T. & Justo, J. S. (2015). Oficinas de Psicologia com idosos e as possibilidades de ressignificações do presente e futuro. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(3), 433-455.  
<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i3p433-455>
- Carvalho, G. B., Neto, S. B. da C., & Ferreira, C. B. (2020). Arte como instrumento psicoterapêutico no tratamento hospitalar de pessoas com doenças onco-hematológicas. *Revista da SBPH*, 23(1), 95-108.  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582020000100009&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100009&lng=pt&tlng=pt).
- Ciornai, S. (Org.). (2004). *Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*. São Paulo: Summus.

- Costa, L. A., Zanella, A. V., & Fonseca, T. M. G. (2016). Psicologia Social E Arte: Contribuições Da Revista Psicologia & Sociedade Ao Campo Social. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 604-615. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p604>.
- Diehl, R., Maraschin, C., & Tittoni, J. (2009). Planografias em pesquisa: mapas e fotografias na saúde mental. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 13(30), 79-91. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832009000300008>.
- Fonseca, T. M. G., Albuquerque, A. S., Gabe, G. B., Giacconi, R., Souza, V. M., & Kniest, V. (2017). O arquivo como espaço aurático de imagens da loucura. *Psicologia USP*, 28(3), 309-317. <https://doi.org/10.1590/0103-656420160126>.
- Fonseca, T. M. G., Thomazoni, A. R., Lockmann, V., & Butkus, V. (2009) Espaços heterotópicos, imagens sobrepostas: encontros entre arte, loucura e memória. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 406-415. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000200015>.
- Furtado, J. R., Levitan D., Titon, A. P., Castillo, P. F. V., Zanella, A. V. (2011). Teatro sem vergonha: jovens, oficinas estéticas e mudanças nas imagens de si mesmo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(1), 66-79. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100007>.
- Lima, M. C. P., Martins, K. P. H., Rocha, L. P., Parente Jr, P. A., Castro, I. P. de, Pinheiro, N. M., & Domingues, M.. (2013). Arte e mediação terapêutica: sobre um dispositivo com adolescentes na clínica-escola. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 13(3-4), 775-796. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482013000200015&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200015&lng=pt&tlng=pt).
- Morais, K. C. B. de, Silva, T. G. da, Medeiros, W. de C. M., & Vieira, C. M.. (2013). Gestalt, grupoterapia e arte: a ressignificação do bebê pré-termo em unidade neonatal. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 21-30.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100004&lng=pt&tlng=pt).

Okamoto, M. M. (2017) *Revisitando Enrique Pichon-Rivière: grupo interno, história de origem e contexto social*. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/19738>

Petroni, A. P. & Souza, V. L. T. de. (2014) Psicólogo escolar e equipe gestora: tensões e contradições de uma parceria. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(2), 444-459. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000372013>.

Pinheiro, F. P., & Colaço, V. R.. (2010). Dramatizações e psicologia comunitária: um estudo de processos de mediação simbólica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(2), 78-90. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672010000200008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000200008&lng=pt&tlng=pt).

Reis, A. C. dos. (2014) Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34(1), 142-157. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011>.

Reis, A. C. dos. (2014). A Arte Como Dispositivo À Recriação De Si: Uma Prática Em Psicologia Social Baseada No Fazer Artístico. *Barbarói*, (40), 246-263. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i40.3386>.

Rickes, S. M., & Gleich, P. (2009) Letras em oficina: a afirmação retumbante do "não". *Psicologia & Sociedade*, 21(spe), 112-122. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000400017>.

Silveira, N. da (1981). *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra.

- Silva, A. L. P. da e Viana, T. de C. (2017). Caracterização da Produção Brasileira em Artigos Científicos sobre Arte e Psicologia (2004-2014). *Psico-USF*, 22(1), 109-120. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220110>.
- Silva, M. R. F. da, Almeida, A. N. S. de, Guimarães, T. A., Silveira, L. C., & Araújo, M. Â. M. (2010). Produção de subjetividade e sexualidade em mulheres vivendo com o HIV/Aids: uma produção sociopoética. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 18(2), 18-25. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421932004>
- Souza, V. L. T. de, Dugnani, L. A. C., & Reis, E. de C. G. dos. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4). <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>.
- Souza, M. T. de, Silva, M. D. da & Carvalho, R. de. (2010) Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>.
- Thomazoni, A. R., & Fonseca, T. M. G. (2011) Obra de arte como território de existência. *Fractal: Revista de Psicologia*, 23(3), 523-534. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922011000300006>.
- Vieira, C. M., Costa, J. M., Caminha, M. de F. C., Campello, P. B., Silva, M. das G. V., & Sampaio, M. A. (2012). Escutando contos, desenhando a vida:: arteterapia em enfermarias pediátricas de um Hospital de Ensino de Alta Complexidade em Pernambuco - IMIP. *Revista da SBPH*, 15(2), 46-64. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582012000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582012000200005&lng=pt&tlng=pt).
- Vigotski, L. S. (1998). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.

Vázquez, A. S. (1999). *Convite à Estética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Vigotski, L. S. (2018). *Imaginação e Criação na Infância*. São Paulo: Expressão Popular.

Yonezawa, F. e Cuevas, M. (2018). Educação Antiniilista: corpo e arte produzindo sentido na escola.

*Educação & Realidade*, 43(4) 1515-1535. <https://doi.org/10.1590/2175-623675528>.